

Altas habilidades de aprendizagem:

mitos e realidades que permeiam o processo de desenvolvimento dos superdotados

Aline Luiza da Silva Bidóia

Paulo Sérgio Teixeira do Prado

Como citar: BIDÓIA, Aline Luiza da Silva; PRADO, Paulo Sérgio Teixeira do. Altas habilidades de aprendizagem: mitos e realidades que permeiam o processo de desenvolvimento dos superdotados. *In:* SEABRA JUNIOR, Manoel Osmar; CASTRO, Rosane Michelli de (org.). **Avaliação, formação docente e perspectivas da educação inclusiva:** eixos do atendimento educacional especializado. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 193-211.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-310-6.193-211>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

CAPÍTULO 10

ALTAS HABILIDADES DE APRENDIZAGEM: MITOS E REALIDADES QUE PERMEIAM O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DOS SUPERDOTADOS

*Aline Luiza da Silva Bidóia
Paulo Sérgio Teixeira do Prado*

INTRODUÇÃO

Neste artigo, buscou-se explicitar e analisar mitos e realidades acerca da superdotação e/ou altas habilidades de aprendizagem.

Qualquer área de conhecimento está sujeita ao surgimento de mitos ou enganos. Trata-se de premissas baseadas em inverdades que, por vários motivos, são creditadas e socialmente tornam intrínsecas as regras de comportamento e atitudes de determinados tópicos de estudo. Por esse motivo, este texto teve por objetivo apresentar determinadas questões permeadas por mitos e esclarecê-las com base em pesquisa bibliográfica.

O presente artigo é composto por três partes, além desta introdução e das considerações finais.

A primeira parte se refere às definições do termo *superdotado*, tópico principal do desenvolvimento desta produção, que se fizeram necessárias para melhor compreensão do todo.

A segunda parte apresenta nove mitos que permeiam as relações, o comportamento e o desenvolvimento dos indivíduos com superdotação ou altas habilidades de aprendizagem, os quais serão apontados, analisados

e discutidos. São, ainda, expostos argumentos buscando-se revelar inverdades sobre o tópico de estudo.

A terceira subdivisão deste trabalho refere-se às considerações sobre como identificar os indivíduos superdotados ou com altas habilidades de aprendizagem. Nessa porção do todo, há colocações e apontamentos sobre a observação de características do indivíduo e a sua identificação.

Por fim, as considerações finais reiteram o que foi proposto a princípio como objetivo e fundamentação deste artigo – o conhecimento e o reconhecimento de mitos e realidades atinentes ao processo de desenvolvimento dos superdotados.

DEFINIÇÕES DO TERMO “SUPERDOTADO”

“Superdotados” ou “indivíduos com altas habilidades de aprendizagem” são aqueles que apresentam maior grau de habilidade que a maioria das pessoas. Significativamente, esse grau excede a capacidade de aprender dos indivíduos comuns, como também a curiosidade, a criatividade e a ânsia pela aquisição de conhecimento e resolução de problemas de várias naturezas. Os superdotados possuem a capacidade de focar situações-problema e resolvê-las com grande entusiasmo e criatividade, sendo ainda possuidores de um senso crítico e analítico exacerbado.

Reunindo-se definições sobre o termo “superdotado”, pode-se encontrar o seguinte significado, de acordo com o *Dicionário Houaiss Eletrônico* (2009): “[...] que ou aquele que é dotado de inteligência superior à média; sobredotado”.

Observando-se a definição do *Dicionário Priberam Eletrônico*, tem-se: “[...] superdotado: o mesmo que sobredotado. Sobredotado: que ou quem é dotado de capacidades, geralmente intelectuais, acima do que é considerado normal.”

Ambas as definições dicionarizadas caracterizam os indivíduos superdotados ou com altas habilidades como pessoas possuidoras de habilidades acima da média, destreza em realizar determinadas atividades ou aptidões superiores.

A propósito do conceito, tal como baseado em traços e características do indivíduo, é possível encontrar:

Superdotação é um conceito ou constructo psicológico a ser inferido a partir de uma constelação de traços ou características de uma pessoa. Nós não temos condições de medi-lo diretamente, da mesma forma como podemos fazê-lo em relação à altura ou ao peso. [...] Em nosso meio, uma das concepções sobre o superdotado é de que seria aquele indivíduo que sai bem nos testes de inteligência, ou que apresenta um desempenho intelectual superior. (ALENCAR, 2001, p 52).

Nessa definição, encontra-se a caracterização dos superdotados como os indivíduos que apresentam desempenho intelectual superior, sendo que o autor acrescenta que não há possibilidade de mensurar a superdotação, mas sim de elencar pontos específicos de características gerais dos indivíduos em questão.

Na obra *Crianças superdotadas – mitos e realidades*, Winner (1998) salienta que utiliza o termo *superdotado* referindo-se às crianças que possuem as três características atípicas seguintes:

1 - Precocidade: as crianças superdotadas são precoces. Elas começam a dar os primeiros passos no domínio de alguma área em uma idade inferior à média. Elas também progridem mais rápido neste domínio do que as crianças comuns, porque a aprendizagem nesta área ocorre com facilidade para elas. Por área, me refiro a uma esfera organizada de conhecimento como linguagens, matemática, música, artes, xadrez, bridge, balé, ginástica, tênis ou patinação. 2 - Uma insistência em fazer as coisas a seu modo. As crianças superdotadas não apenas aprendem mais rápido do que a média ou até mesmo do que as crianças inteligentes, mas também aprendem de uma forma qualitativamente diferente. Elas fazem as coisas à sua moda: elas precisam de ajuda ou “empurrões” mínimos de adultos para dominar sua área, e grande parte do tempo elas ensinam a si mesmas. [...] Com frequência, estas crianças inventam, independentemente, as regras da área e projetam formas idiossincrásicas novas de resolver problemas. Isso significa que as crianças superdotadas são, por definição, criativas. [...] 3 – Uma fúria por dominar. As crianças superdotadas são intrinsecamente motivadas a extrair sentido da área na qual demonstram precocidade. Elas exibem um interesse intenso e obsessivo, uma habilidade de focalizar agudamente e o que vim a chamar de uma fúria por dominar. Elas experimentam estados de “fluxo”, quando estão engajadas em aprendizagem no seu domínio – estados ideais nos quais elas focalizam concentradamente e perdem a noção do mundo externo. (WINNER, 1998, p.12-13).

Nessa definição, o termo *superdotado* é tratado de modo mais pormenorizado do que nas anteriores. Com essa caracterização minuciosa, pode-se observar e compreender melhor as peculiaridades dos superdotados como crianças precoces com progresso mais rápido do que as demais crianças, intensa capacidade de insistir na realização de determinadas atividades de interesse pessoal, criatividade superior à média, obsessão, concentração extrema.

O propósito deste texto pressupõe também o conhecimento do termo *prodígio*, sendo que Winner (1998) alude às crianças-prodígio de forma diferenciada das superdotadas. Assim, há a necessidade de compreender seu pensamento e modo de utilização do termo. A autora assevera:

Um prodígio é simplesmente uma versão mais extrema de uma criança com superdotação, uma criança tão superdotada que desempenha em algum domínio em um nível adulto. Quando uso o termo superdotada, me refiro a todas as crianças superdotadas, incluindo as que chamamos de prodígios. Quando uso o termo prodígio, me refiro apenas aos casos mais extremos. (WINNER, 1998, p.13).

Nota-se que uma criança-prodígio possui e apresenta as mesmas características de uma criança superdotada, porém, em um nível além. Em decorrência, a autora usa o termo *superdotado*, generalizando-o para os indivíduos com altas habilidades, mas reserva o termo *prodígio* apenas para os indivíduos que exibem habilidades extremas, que vão além da superdotação.

Considerando outras definições para o termo *superdotado*, encontra-se a expressão *portadores de capacidade elevada*, explanada da seguinte forma:

Os portadores de capacidade elevada, aqui considerados, são aqueles alunos que demonstram níveis de desempenho excepcionalmente altos, seja numa amplitude de realizações ou em uma área delimitada, e aqueles cujo potencial para alcançar excelência não foi reconhecido por testes ou por autoridades educacionais. (FREEMAN, 2000, p. 23).

Dadas as condições apontadas com respeito aos portadores de capacidade elevada ou superdotados, observam-se os indivíduos com

altas habilidades de aprendizagem como capazes de obter e demonstrar altíssimos desempenhos acadêmicos. Freeman (2000) acrescenta, ainda, que os portadores de capacidade elevada são também os indivíduos cujo conjunto de recursos de capacidade intelectual não foi reconhecido por meio de testes e outras instituições competentes.

Na visão de Kirk (1991, p. 66), crianças superdotadas e talentosas possuem, através dos tempos e nas diversas sociedades, a seguinte configuração:

Em todas as sociedades e em todos os tempos, os observadores notaram que algumas crianças pareciam aprender mais depressa, lembrar de mais coisas e resolver problemas com mais eficiência do que as outras. De acordo com a terminologia atual, essas crianças são chamadas de superdotadas e talentosas.

Assim, o autor indica a superioridade dos indivíduos com altas habilidades e sua capacidade de realizar tarefas com aptidão singular.

Tendo em vista todas essas definições, conclui-se que os superdotados possuem características ímpares, que surpreendem as sociedades e que confundem educadores e especialistas. Suas peculiaridades compõem um quadro de características especiais que lhes permitem aprender de maneira diferenciada, resolver problemas com maior interesse e rapidez, selecionar áreas de interesse e desenvolvê-las sem necessitar de estímulos como os indivíduos comuns, que não apresentam altas habilidades ou superdotação.

MITOS E REALIDADES ACERCA DOS INDIVÍDUOS COM ALTAS HABILIDADES/ SUPERDOTAÇÃO

Em qualquer área de estudo, costumam existir mitos, mal entendidos e quimeras. Partindo-se desse pressuposto, imagina-se que o principal tema deste artigo, a superdotação, não esteja isenta de suposições contrárias à verdade.

Ellen Winner (1998) discorre sobre essa questão de forma contundente, relatando e argumentando sobre suposições que, segundo

ela, são errôneas sobre o tópico da superdotação. De acordo com os estudos dessa pesquisadora, tais suposições são os mitos que se tornam rótulos aceitos e reforçados pela sociedade em geral, consequentemente, essa aceitação social os torna difíceis de serem considerados inverdades.

Pela classificação dessa autora, há nove mitos que permeiam o processo de desenvolvimento dos superdotados, os quais ela intitula como: superdotação global; talentosas, mas não superdotadas; QI excepcional; biologia *versus* ambiente; o pai condutor; esbanjando saúde psicológica; todas as crianças são superdotadas?; as crianças superdotadas se tornam adultos eminentes.

Classificados dessa maneira, os mitos envolvem questões comumente observadas no tratamento dos indivíduos superdotados e/ou possuidores de altas habilidades. Eis algumas considerações sobre esses nove mitos:

1 – SUPERDOTAÇÃO GLOBAL:

Winner (1998) aponta, nesse tópico, o mito da capacidade global, que sugere o indivíduo superdotado ser altamente competente e habilidoso em todas as possíveis áreas do conhecimento escolástico, criando uma espécie de superdotação global.

Enfatiza a autora:

Superdotação escolástica frequentemente não é uma capacidade global que atravessa as duas grandes áreas do desempenho escolástico. A criança com uma combinação de pontos fortes e fracos acadêmicos vem a ser regra, não a exceção. As crianças podem até mesmo ser superdotadas em uma área acadêmica e apresentar distúrbio de aprendizagem em outra. (WINNER, 1998, p. 15).

Desse modo, é evidente que o termo *superdotação global* seja um mito, porque ignora o fato de que os indivíduos superdotados apresentam vertentes de conhecimento, domínios específicos e áreas de interesse – não o contrário.

2 – TALENTOSAS, MAS NÃO SUPERDOTADAS:

Conforme esse mito, os indivíduos que demonstram precocemente excepcionais habilidades artísticas ou atléticas não podem ser considerados superdotados, mas sim talentosos, sem haver justificativa plausível para essa prerrogativa inerente às pessoas com habilidades escolásticas.

Winner (1998, p. 15) acredita que “[...] as crianças artisticamente ou atleticamente superdotadas não são tão diferentes das crianças academicamente superdotadas. Ambas as classes de crianças exibem as três características de superdotação, mencionadas anteriormente”. Por isso, não pode haver considerações de modo distinto.

3 – QI EXCEPCIONAL:

A necessidade de o indivíduo ter um nível de QI excepcional para ser considerado superdotado nada mais é que um mito:

Os testes de QI medem uma estreita gama das habilidades humanas, principalmente facilidade com linguagem e número. Há poucas evidências de que superdotação em áreas não-acadêmicas, como arte ou música, requeiram um QI excepcional. Pode-se até mesmo encontrar níveis extraordinários de superdotação, nos assim chamados *idiots savants* – indivíduos frequentemente autistas, com QIs na extensão de retardo e habilidades excepcionais em domínios específicos. (WINNER, 1998, p. 16).

De acordo com essa constatação, vê-se que indivíduos superdotados em determinadas áreas do conhecimento podem apresentar baixíssimo QI. Por conseguinte, é um mito acreditar em testes desse gênero como meio de identificação e caracterização dos superdotados.

Alencar (2001, p. 95) acrescenta:

Deve ser salientada a necessidade de se considerar não apenas o resultado em testes de inteligência, mas também outros aspectos, como nível de produtividade e desempenho, interesses, traços de personalidade, presença de um talento ou habilidade especial. Sobre estes aspectos, tanto a família como o professor podem dar informações preciosas, para a identificação do superdotado.

Assim, reitera-se que a questão do QI excepcional como um mito acerca do tópico da superdotação.

4 E 5 – BIOLOGIA *VERSUS* AMBIENTE:

Esse mito, biologia *versus* ambiente, refere-se ao tópico amplamente discutido por alguns pesquisadores a respeito de a superdotação ser uma característica nata ou inata do indivíduo.

Segundo Winner (1998, p. 16), “[...] o mito do senso comum é de que a superdotação é inteiramente inata. Este mito folclórico ignora a poderosa influência sobre o desenvolvimento de aptidões”. Em contrapartida, há as condições do ambiente, o possível treinamento para a produção de um indivíduo-prodígio, o que revela o outro mito em questão, de sorte que a mesma autora salienta que “[...] esta visão ignora o poderoso papel da biologia para determinar-se há qualquer aptidão para o ambiente desenvolver”.

Acerca da primeira vertente de pensamento, observem-se também as seguintes colocações:

Impera em nosso meio a idéia de que o indivíduo superdotado tem recursos suficientes para crescer sozinho, que nada necessita ser feito no sentido de dar a ele um ambiente especial, uma vez que ele mesmo poderá escolher e criar este ambiente. Esta é uma idéia que parece predominar nos círculos educacionais brasileiros, que ainda não se sensibilizaram para a necessidade de se dar ao superdotado condições mais adequadas ao desenvolvimento de seu potencial. (ALENCAR, 2001, p. 87).

Referente a esse mito entre duas possibilidades contraditórias, nota-se a necessidade de enxergar, analisar e respeitar a existência do superdotado, que nasce nessa condição, assim como o indivíduo que recebe educação voltada para o treinamento de uma aptidão, tornando-se então um superdotado ou um prodígio.

6 – O PAI CONDUTOR:

O mito número 6 diz respeito aos superdotados fabricados por pais que se envolvem com as características dos filhos e acabam concentrando-se apenas no desenvolvimento de suas aptidões, esquecendo-se de deixá-los viver o período da infância.

Algumas pessoas afirmam que as crianças superdotadas são ‘fabricadas’ por pais superzelosos concentrados no estrelato dos filhos. Os pais são advertidos a não empurrar seus filhos, a deixá-los ter infâncias ‘normais’. De outro modo, lhes é dito que seus filhos os ressentirão e perderão todo o interesse em realizações posteriores. (WINNER, 1998, p. 16).

Nesse caso, a inverdade está em acreditar que o pai é responsável por todo o desenvolvimento do indivíduo superdotado, ou que suas ações são prejudiciais. Pais envolvidos com e responsáveis pelo o desenvolvimento das habilidades e dons de seus filhos são necessários, não um prejuízo.

A Secretaria de Educação Especial e o Ministério da Educação e do Desporto (BRASIL, 1995, p. 23) salientam que “[...] é fundamental que o estímulo correto, aquele que atende às necessidades das crianças e não a dos pais, que encoraja exercícios de raciocínio, nas mais variadas áreas do conhecimento, venha da escola e da família”.

É importante que o pai, como responsável, apenas estimule e ofereça oportunidades para a criança com altas habilidades de aprendizagem desenvolva todo seu potencial, mas não seja um condutor que fabrica um superdotado às custas de sua infância saudável, substituindo-a por uma infância turbulenta e insatisfatória.

7 – ESBANJANDO SAÚDE PSICOLÓGICA:

Alguns pesquisadores e psicólogos acreditam que os superdotados apresentam uma imagem socialmente inculcida de indivíduos populares, bem ajustados e aceitos dentro dos grupos de interação.

Este é o mito que obstrui a realidade sobre a personalidade e os fatores psicológicos dos superdotados e indivíduos que possuem altas habilidades.

Assinala Winner (1998, p. 16), tratando das atitudes da sociedade frente aos indivíduos com altas habilidades de aprendizagem:

Os preconceitos das crianças podem se aproximar da verdade. Nós parecemos ter uma necessidade de negar ou idealizar a criança superdotada. As crianças superdotadas são, com frequência, socialmente isoladas e infelizes, a menos que sejam afortunadas o suficiente para encontrar outras como elas. A visão da criança superdotada bem ajustada aplica-se apenas à criança moderadamente superdotada e deixa de fora os extremos.

De acordo com as ideias da autora, os superdotados são isolados socialmente, não se encaixam em grupos de determinadas esferas e, geralmente, possuem e apresentam laços relacionais, de certa forma bem ajustados somente quando encontram outro indivíduo ou grupo com características semelhantes às suas.

Izquierdo (2007, p. 389) compartilha da mesma concepção e acrescenta:

Inúmeras pesquisas confirmam que as crianças superdotadas são bem aceitas pelos colegas, desde que tenham uma capacidade interativa normal, porque os superdotados com um QI muito alto manifestam, com relativa frequência, diversos problemas de comunicação. Eles mesmos procuram amizades com pessoas do mesmo nível; se não as encontram, escolhem colegas com idade superior a sua.

Essa concepção reafirma a falta de sociabilidade característica dos indivíduos com altas habilidades de aprendizagem e superdotação.

Quanto às dificuldades de interação, relacionamento e sociabilidade, Alencar (2001, p. 112) salienta que “[...] alunos superdotados muitas vezes têm dificuldade em expressar suas emoções ou, ainda, não encontram um ambiente receptivo às suas dúvidas, medos e frustrações”.

Desse modo, é errônea a afirmação de que os superdotados ou possuidores de altas habilidades, por apresentarem características intelectuais acima da média, também tenham relacionamentos e ajustamentos sociais superiores, sendo os chamados populares e com boa saúde psicológica.

Winner (1998, p. 11) completa esse pensamento:

Talentedas, superdotadas, criativas, prodigiosas – as crianças com estes rótulos sempre nos intrigaram, inspirando fascínio e espanto, bem como intimidação e inveja. As crianças superdotadas foram temidas como possuídas, porque sabem e entendem coisas demais. Assim como as crianças com retardo, as crianças superdotadas têm sido temidas como estranhas, esquisitas, excêntricas. Elas tem sido rejeitadas como “crentes”. Seus pais foram ridicularizados como fanáticos superambiciosos vivendo vicarialmente através das conquistas dos filhos e privando-os de uma infância normal.

Verifica-se claramente que os superdotados ou pessoas com altas habilidades de aprendizagem são frequentemente ridicularizados, tornando-se solitários devido ao comportamento comum da sociedade em negar ou idealizar o indivíduo superdotado, sendo capaz até mesmo de invejar ou temer esses indivíduos.

8 – TODAS AS CRIANÇAS SÃO SUPERDOTADAS?

Diretores e professores de instituições educativas consideram todas as crianças superdotadas e/ou dotadas de habilidades especiais, em determinadas áreas de conhecimento. Porém, pensando dessa forma, as crianças que realmente são intelectualmente superiores não têm garantido seu direito de receber educação diferenciada, de acordo com seu nível de desenvolvimento, situação que deixa os pais das crianças superdotadas em posição de desconforto.

Sobre o mito de que todas as crianças são superdotadas, Winner (1998, p. 17) afirma:

A visão de que todos os estudantes são superdotados, em habilidades escolares, leva a posições inflexíveis contra qualquer forma de educação especial para os superdotados. Em reação, os pais dos superdotados voltam-se para grupos de apoio e falam sobre como este igualitarismo mal-colocado discrimina contra seus filhos e os torna estressados, bem como entediados. Quando educação especial é oferecida para os superdotados, ela é mínima e moldada para adaptar-se aos moderadamente aptos.

Assim, algumas crianças são mais aptas do que outras para realizar determinadas atividades e o fazem com destreza, porém, a equiparação entre crianças com certas aptidões e crianças superdotadas põe em detrimento a educação diferenciada de que os superdotados necessitam.

9 – AS CRIANÇAS SUPERDOTADAS SE TORNAM ADULTOS EMINENTES:

Comumente, os superdotados são considerados e classificados como indivíduos de QI bastante alto e criatividade elevada. Em consequência, acredita-se que crianças superdotadas sejam crianças criativas e que, futuramente, serão obviamente adultos criativos.

Contudo, os estudos de Ellen Winner e de outros interessados na questão dos superdotados e suas características são categóricos:

Muitas crianças superdotadas, especialmente os prodígios, malogram, enquanto outras acabam por se dedicar a outras áreas de interesse. Algumas, embora extremamente exitosas, nunca fazem nada de genuinamente criativo. Apenas poucos dos superdotados se tornam adultos criadores eminentes. Nós não podemos supor uma conexão entre superdotação precoce, não importa o quão extremo, e eminência adulta. Os fatores que prevêm a trajetória de uma vida são múltiplos e interagentes. Bem acima de nível de habilidade, papéis importantes são desempenhados por personalidade, motivação, ambiente familiar, oportunidades e pelo acaso. (WINNER, 1998, p. 18).

Sendo assim, o último mito proposto precisa ter examinada sua outra face, isto é, a realidade, concluindo-se que muitas crianças superdotadas se tornam adultos comuns, com produções médias e não eminentes.

CONSIDERAÇÕES SOBRE COMO IDENTIFICAR INDIVÍDUOS SUPERDOTADOS

A principal ação para desmascarar os possíveis mitos que permeiam o processo de desenvolvimento dos superdotados ou indivíduos com altas habilidades de aprendizagem é conhecer as características dessa necessidade educacional especial e reconhecer que a superdotação não

pode ser considerada uma condição facilmente mensurável, absoluta e de fácil identificação.

Atualmente, os estudos comprovam a necessidade de levar em conta um apanhado de condições e características para identificar o indivíduo superdotado, porém, outrora, os testes de inteligência vigoraram como verdade única.

A propósito dessa afirmação, tem-se:

Até algumas décadas atrás, quando o indivíduo superdotado era aquele que apresentava um QI acima de 130, o processo de identificação era relativamente fácil, pois, para tal, bastava aplicar um teste de inteligência geral, como o Standford-Binet, ou as escalas de Wechsler, ou ainda o Teste de Matrizes Progressivas de Raven. Entretanto, nos últimos anos, observamos mudança na definição do superdotado. O conceito de superdotação se ampliou de uma forma significativa, conscientizando-se os psicólogos e educadores da natureza multidimensional do conceito, da mesma forma que mudanças se fizeram notar na própria concepção de inteligência. (ALENCAR, 2001, p. 68).

Tal colocação foi revertida com o passar do tempo e com os resultados de estudos, análises e comprovações empíricas sobre a identificação dos superdotados.

Buscando identificar os indivíduos superdotados, deve-se atentar às seguintes questões levantadas por Izquierdo (2007, p. 389):

Para se reduzirem os erros, na medida do possível, devemos levar em conta certos fatores: não devemos esquecer que a definição da superdotação nunca é absoluta, mas relativa; a superdotação não é uma característica unívoca, como a altura corporal, por exemplo; as características individuais em uma área específica – matemática, por exemplo – não são idênticas ao rendimento extraordinário em outro âmbito - por exemplo, música; a exatidão na identificação sempre depende da idade. Em uma criança sempre faltará a estabilidade e consistência da conduta de um adulto como indicadores de identificação.

Refletindo dessa forma, a identificação dos indivíduos superdotados se mostra inexacta e difícil tarefa, a ser realizada por famílias e educadores.

Não há uma fórmula exata para detectar os indivíduos superdotados. Portanto, é necessário examinar as diversas características já diagnosticadas e comprovadas sobre suas preferências e comportamentos, para buscar reconhecê-los e auxiliá-los no processo de aprendizagem.

Sobre o reconhecimento dessas características comportamentais e de preferências, Kirk (1991, p. 73), com base em estudos e pesquisas anteriores, alerta:

Crianças superdotadas se interessavam por assuntos abstratos, tais como literatura, debates, e história antiga; tinham menos interesse pelos assuntos “práticos”, tais como escrita e treinamento manual. As crianças superdotadas bem como as dos grupos de comparação se interessavam por jogos e esportes. A criança superdotada parecia menos sociável nos seus interesses. Mostrava uma predileção mais forte por brincar com só uma outra pessoa do que as outras crianças do grupo controlado.

Ponderando o conteúdo da citação anterior, notam-se características que devem ser percebidas na busca pela identificação dos indivíduos com superdotação e altas habilidades de aprendizagem. O superdotado possui interesses comuns e interesses particulares, mas sua maior atenção é, de acordo com o autor, por assuntos abstratos, demonstrando também a falta de sociabilidade e a preferência pela individualização ou brincadeiras e atividades com apenas uma pessoa.

O indivíduo superdotado tem sua criatividade como um ponto peculiar muito forte e bastante observado, no momento da identificação de suas potencialidades.

A propósito desse apontamento, Virgolin (1997, p. 181) salienta:

A criatividade tem sido apontada como um dos traços mais presentes nos indivíduos considerados proeminentes; no entanto, devido à dificuldade de acessá-la através de testes confiáveis de criatividade, métodos alternativos têm sido propostos, como a análise dos produtos criativos e auto-relatos dos estudantes. No entanto, torna-se um desafio determinar os fatores que levam o indivíduo a usar seus recursos intelectuais, motivacionais e criativos de forma a manifestar-se em um nível superior de produtividade.

A criatividade dos superdotados se faz característica marcante, porém, difícil de ser mensurada na busca de identificar os indivíduos com altas habilidades de aprendizagem. Sendo assim, a produtividade de um indivíduo e os motivos e fatores que o levam a expressá-la são um mistério para os pesquisadores da área.

Apesar dos estudos acerca do tópico estudado neste artigo, a criatividade e a produtividade dos superdotados ainda se mostram inexplicáveis e não passíveis de serem analisadas por meio de métodos comuns, como os testes de inteligência tradicionais.

De acordo com o estudo de Mettrau (2007, p. 491), há certa dificuldade em identificar os indivíduos superdotados devido à falta de manifestação de suas habilidades e inconstância de produções e demonstração de potencialidades.

Suas considerações revelam que

[c]rianças e jovens, muitas vezes, mesmo considerando a precocidade, não manifestam toda a sua capacidade. Portanto, para as evidências das altas habilidades/superdotação é necessário constância de elevada potencialidade de aptidões, talentos e habilidades ao longo do tempo, além de expressivo nível de desempenho. (METTRAU, 2007, p. 491).

Essa questão promove mais um obstáculo a ser transposto para garantir a identificação dos indivíduos com altas habilidades de aprendizagem, haja vista que, sem a demonstração de suas potencialidades precoces, não há como sugerir que alguém possui determinadas habilidades ou aptidões. Apesar desse obstáculo, os estudos sobre a superdotação avolumam-se a cada dia, evidenciando o interesse dos pesquisadores pelo tema.

Na ânsia pela identificação desses indivíduos, muitos estudos foram realizados pautando-se nos traços que eles exibem, sua interação com a sociedade e suas demonstrações de potencialidades.

O portador de altas habilidades, por não apresentar um comportamento homogêneo, tem suscitado muitos estudos de levantamento de dados que o caracterizem. Traços, como liderança, humor, criatividade, rapidez de pensamento, envolvimento, aversão às regras fixas, hiperatividade, comportamentos estes que levam em conta, variam, de acordo com o contexto sociocultural, com a etapa de desenvolvimento

e com as diferenças, de indivíduo para indivíduo. Os portadores de altas habilidades interagem com o mundo de maneira diferente das outras pessoas. Seus pontos de vista, modos de agir e reações aos comportamentos apresentam peculiaridades que podem ser observadas e identificadas. (BRASIL, 1995, p. 33).

Como na citação anterior, comportamentos, atitudes e traços peculiares de comportamento são fatores que instigam estudos com o intuito de caracterizar e identificar os superdotados. Porém, a dificuldade está também na heterogeneidade do grupo dos indivíduos com altas habilidades. Apesar disso, a interação social e suas peculiaridades são passíveis de observação, análise e identificação.

Buscando essa identificação, pessoas próximas aos superdotados, além do próprio indivíduo, podem realizar observações que auxiliem na identificação dessas aptidões. Quando as características “saltam aos olhos”, a identificação de indivíduos se torna mais fácil, como no exemplo abaixo:

Neste sentido, as pessoas com altas habilidades salientam-se em relação a seu grupo social, em uma ou mais destas “inteligências” ou habilidades, evidenciando sua capacidade superior. Com o entendimento destas habilidades, pode-se perceber que os indivíduos com altas habilidades/superdotação apresentam características que podem ser evidenciadas em comparação a um grupo, as quais podem ser observadas pelas pessoas de seu convívio ou por ela mesma. (NEGRINI, 2008, p. 276).

Essa saliência de características peculiares auxilia na identificação do indivíduo com altas habilidades de aprendizagem, desde que as pessoas próximas e o próprio superdotado estejam atentos às suas particularidades.

As condutas e atitudes de atenção mencionadas anteriormente são mais facilmente tomadas pela família ou pela equipe escolar, mais especificamente o professor. É necessário, por conseguinte, que as características e singularidades dos indivíduos com altas habilidades de aprendizagem sejam mais amplamente divulgadas, compreendidas e observadas.

Além das ações, já relatadas, as quais procuram a identificação do indivíduo superdotado, Negrini (2008, p. 278) salienta:

A identificação de pessoas com altas habilidades/superdotação tem sido realizada não com intuito de “rotular” estes indivíduos, formar um grupo de elite, entre outras colocações que são feitas neste sentido, que normalmente vem imbricada por inúmeros mitos. A identificação permite que estes sujeitos possam receber um atendimento que vá ao encontro de suas reais necessidades e interesses, para que possa estar desenvolvendo e estimulando suas habilidades e assim constituir uma vida de forma satisfatória e com qualidade.

No âmbito escolar, o professor é responsável pela identificação dos alunos com possíveis tendências para a superdotação:

Neste sentido, podemos nos deparar com uma criança avançada do ponto de vista intelectual, mas imatura emocionalmente. O professor deve estar atento a essa possível falta de sincronia entre desenvolvimento intelectual e afetivo ou físico. Por exemplo, uma criança superdotada pode apresentar leitura precoce, porém, ter dificuldade de manipular um lápis, pois suas habilidades motoras não estão totalmente desenvolvidas, além disso, a habilidade superior demonstrada por essa criança pode ser resultado de uma estimulação intensa por parte das pessoas significativas de seu ambiente. Ao atingir a idade escolar, o desenvolvimento dessa criança pode se normalizar e ela passar a apresentar um desempenho semelhante aos alunos de sua idade. Por isso, nem sempre uma criança precoce poderá ser caracterizada como superdotada. É essencial, portanto, acompanhar o desempenho dessa criança, registrando habilidades e interesses demonstrados ao longo dos primeiros anos de escolarização, oferecendo várias oportunidades estimuladoras e enriquecedoras ao seu potencial. (MONTE, 2004, p.15).

Analisando-se dessa forma, vê-se a incumbência do professor, no sentido de que ele deve estar atento às precocidades de cada aluno, tanto individualmente, como em comparação aos demais alunos. É tarefa do professor observar e registrar as habilidades e dificuldades de cada aluno, na realização das tarefas diárias, além de acompanhar seu desenvolvimento e desempenho escolares. Tais ações são fundamentais para a identificação do aluno com altas habilidades de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversos estudos foram realizados mundialmente a propósito dos temas da superdotação e das altas habilidades de aprendizagem, porém, atualmente, ainda se pode observar a existência de mitos que permeiam a educação e o processo de desenvolvimento dos superdotados.

Este artigo buscou reiterar a realidade que há entre esses mitos, com o intuito de evidenciar igualmente que o processo de desenvolvimento dos superdotados ou os indivíduos com altas habilidades de aprendizagem sofre prejuízos quando tais inverdades recebem créditos indevidos e passam a exercer posição dominante, na vida dos indivíduos em questão.

Esta produção acadêmica não pretendeu finalizar qualquer estudo temático, mas mostrar que ainda há muito a ser considerado e reconsiderado, em relação à superdotação e às altas habilidades. Assim, almejou ser parte dos atuais e abrangentes estudos que buscam melhorar a qualidade no processo de desenvolvimento dos superdotados ou indivíduos com altas habilidades de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E. M. L. S.; FLEITH, D. S. *Superdotados: determinantes, educação e ajustamento*. São Paulo: EPU, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. *Diretrizes gerais para o atendimento aos alunos portadores de altas habilidades/superdotação e talento*. Brasília, DF, 1995.
- DICIONÁRIO PRIBERAM ELETRÔNICO – Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=sobredotado>>. Acesso em: 25 out. 2011.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss Eletrônico: versão monousuário 3.0*. [S.l.]: Instituto Antônio Houaiss, jun. 2009. Copyright © 2001. (Produzido e distribuído por Editora Objetiva Ltda).
- IZQUIERDO, Á. A criança superdotada: conceito, diagnóstico e educação. In: GONZÁLEZ, E. (Coord.). *Necessidades educacionais específicas*. Tradução Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2007. Cap. 18, p. 384-402.
- KIRK, S.A. *Educação da criança excepcional*. Tradução Marília Zanella Sanvicente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

METTRAU, M. B.; REIS, H. M. M. S. Políticas públicas: altas habilidades/superdotação e a literatura especializada no contexto da educação especial/inclusiva. *Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 57, p. 489-510, out./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v15n57/a03v5715.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2011.

MONTE, F.R.F. *Saberes e práticas da inclusão: altas habilidades/superdotação*. Brasília: MEC/SEESP: 2004.

NEGRINI, T.; FREITAS, S. N. A identificação e a inclusão de alunos com características de altas habilidades/superdotação: discussões pertinentes. *Educação Especial*, Santa Maria, RS, v. 21, n. 32, p. 273-284, 2008. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/educacaoespecial/article/viewFile/103/76>>. Acesso em: 23 nov. 2011.

VIRGOLIN, A. M. R. O indivíduo superdotado: história, concepção e identificação. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília. v. 13, n. 3, p. 173-183, jan-abr, 1997. Disponível em: <<http://www.red.unb.br/index.php/psic/article/view/5155/4340>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

WINNER, E. *Crianças superdotadas: mitos e realidades*. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.